

+ DEFINIÇÃO DE CASO SUSPEITO

Paciente sintomático ganglionar (presença de bubões ou adenite dolorosa) ou respiratório (tosse, dispneia, dor no peito, escarro muco-sanguinolento) com febre e **um ou mais** dos seguintes sinais e sintomas: **calafrios, cefaleia, dores no corpo, fraqueza, anorexia, hipotensão e/ou pulso rápido/irregular**, oriundo de zonas ativas de ocorrência de peste (1 a 10 dias).

+ DEFINIÇÃO DE CASO CONFIRMADO

Critério clínico-laboratorial

Todo caso com quadro clínico de peste e diagnóstico laboratorial confirmado.

Critério clínico-epidemiológico

- Caso humano com quadro clínico compatível com nosologia pestosa, claramente associado com peste comprovada em roedores ou pulgas ou carnívoros.
- Caso com quadro clínico sugestivo, bastante compatível com peste, de ocorrência em região pestígena reconhecida como tal e associado a indícios de peste animal.
- Caso com quadro clínico não característico, porém ainda assim considerado compatível com peste, ocorrido em região pestígena conhecida e aliado a indícios seguros de peste animal.

INTRODUÇÃO

A Secretaria da Saúde do Estado do Ceará, por meio do Núcleo de Controle de Vetores, da Coordenadoria de Promoção e Proteção à Saúde (NUVET/COPROM), vem **ORIENTAR** os profissionais de saúde pertencentes ao Programa de Controle de Peste (PCP) das Coordenadorias Regionais de Saúde (CRES), para que se mantenham **ALERTA** na vigilância nas áreas pestígenas, a fim de evitar o reaparecimento da doença, e explicitar aspectos sobre a **NOTIFICAÇÃO** e conduta frente a casos suspeitos.

A peste é uma doença infecciosa primordialmente de roedores, transmitida por picadas de pulgas infectadas. O homem é infectado acidentalmente quando, em atividades de caça, agricultura, comércio ou lazer, invade o ecossistema dos roedores reservatórios da doença.

Na região nordeste do Brasil, os casos de peste humana ocorreram nos estados do Ceará e Paraíba, quando na década de 1980 foram notificados 76 casos com a ocorrência de três óbitos. No período de 1994 a 1997, o Ceará notificou e confirmou laboratorialmente três casos de peste humana: dois por exame sorológico, em Guaraciaba do Norte e um por isolamento da bactéria, em Ipu. O último caso de peste humana no Estado foi confirmado por exame sorológico em 2005, no município de Pedra Branca.

FOCOS DE PESTE NO CEARÁ

Uma doença possui um foco ou nicho quando o agente patogênico, o vetor específico e o animal hospedeiro coexistem indefinidamente sob condições naturais, independentemente da existência do homem. Os focos de peste são comuns em áreas topográficas geralmente com elevações, cujas condições de temperatura, umidade, vegetação e fauna são bem diferentes das que prevalecem em outras regiões. No Ceará, as áreas de importância para a vigilância da peste são:

- Focos no norte e no centro: Serra da Ibiapaba, Serra de Baturité, Serra da Pedra Branca, Serra do Machado, Serra das Matas e Serra de Uruburetama;
- Focos no Sul do Ceará/oeste de Pernambuco/leste do Piauí: Chapada do Araripe.

A peste é um agravo de **NOTIFICAÇÃO IMEDIATA**, sujeita ao Regulamento Sanitário Internacional (2005). Todos os casos suspeitos devem ser imediatamente notificados por telefone, fax ou e-mail.



+ DEFINIÇÃO DE CASO DESCARTADO

Caso suspeito:

- com diagnóstico laboratorial negativo;
- com história epidemiológica não compatível;
- com história epidemiológica, que não apresente manifestação clínica; ou
- que tenha apresentado diagnóstico positivo diferencial para outra doença.

+ SINTOMAS DA PESTE BUBÔNICA

- Mal-estar;
- Abatimento;
- Dor de cabeça;
- Dores no corpo;
- Vômitos;
- Pulso acelerado;
- Arrepios de frio;
- Febre alta;
- Bubões.

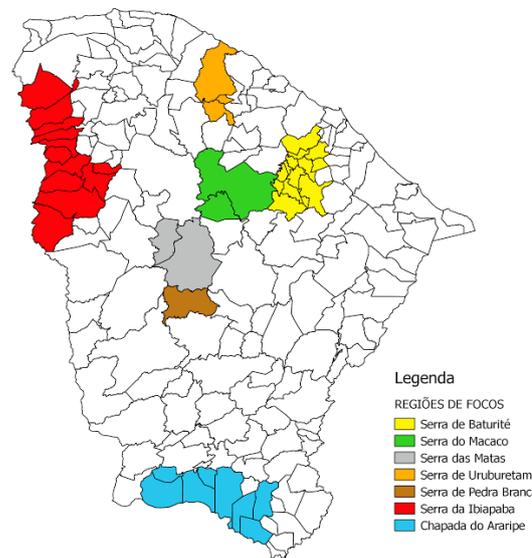
+ SINTOMAS DA PESTE PNEUMÔNICA

- Arrepios de frio;
- Dor de cabeça intensa;
- Delírio ou prostração absoluta no leito;
- Respiração ofegante;
- Tosse frequente;
- Escarro abundante, a princípio claro, depois sanguinolento;
- Pulso acelerado.

A persistência desses focos deve ser considerada uma ameaça real e permanente de acometimento humano nessas regiões, que pode estender-se para outros lugares, inclusive centros urbanos, tornando-se imperativo que os técnicos de saúde estejam preparados para lidar com o problema.

O mapa abaixo apresenta as Coordenadorias Regionais de Saúde (CRES) e municípios que estão inseridos na vigilância e controle da peste no Estado do Ceará:

Figura 1. Municípios com focos de peste no Ceará



Fonte: Núcleo de Controle de Vetores (NUVET), 2017.

As espécies de pulgas mais importantes nos focos naturais de peste no Brasil estão relacionadas na figura 1, sendo as espécies *Xenopsylla cheopis* e *Pulex irritans* as mais verificadas nos focos no Ceará.

Figura 1. Principais espécies de pulgas nos focos de peste do Brasil

Famílias	Gêneros	Espécie – hospedeiros principais e secundários
Pulicidae	Pulex	<i>P. irritans</i> – O homem e animais domésticos
	Xenopsylla	<i>X. cheopis</i> – Roedores sinantrópicos comensais e silvestres, cães e gatos domésticos e o homem
	Ctenocephalides	<i>C. felis felis</i> – Cães e gatos domésticos, canídeos e felídeos silvestres e roedores sinantrópicos comensais <i>C. canis</i> – Cães e gatos domésticos, roedores sinantrópicos comensais e o homem
Rhopalopsyllidae	Polygenis	<i>P. b. jordani</i> – Roedores silvestres e sinantrópicos comensais e marsupiais
		<i>P. tripus</i> – Roedores silvestres e sinantrópicos comensais
		<i>P. roberti roberti</i> – Roedores silvestres e sinantrópicos comensais
		<i>P. rimatus</i> – Roedores silvestres e sinantrópicos comensais e marsupiais
Stephanocircidae	Craneopsylla	<i>C. minerva minerva</i> – Roedores silvestres e sinantrópicos comensais e marsupiais
Tungidae	Tunga	<i>T. penetrans</i> – Animais domésticos (cão, gato, suínos, bovinos), roedores e o homem
Ctenophthalmidae	Adoratopsylla	<i>A. antiquorum</i> – Marsupiais e roedores <i>L. segnis</i> – Roedores sinantrópicos comensais e silvestres

Fonte: Manual de Vigilância e Controle da Peste (2008).

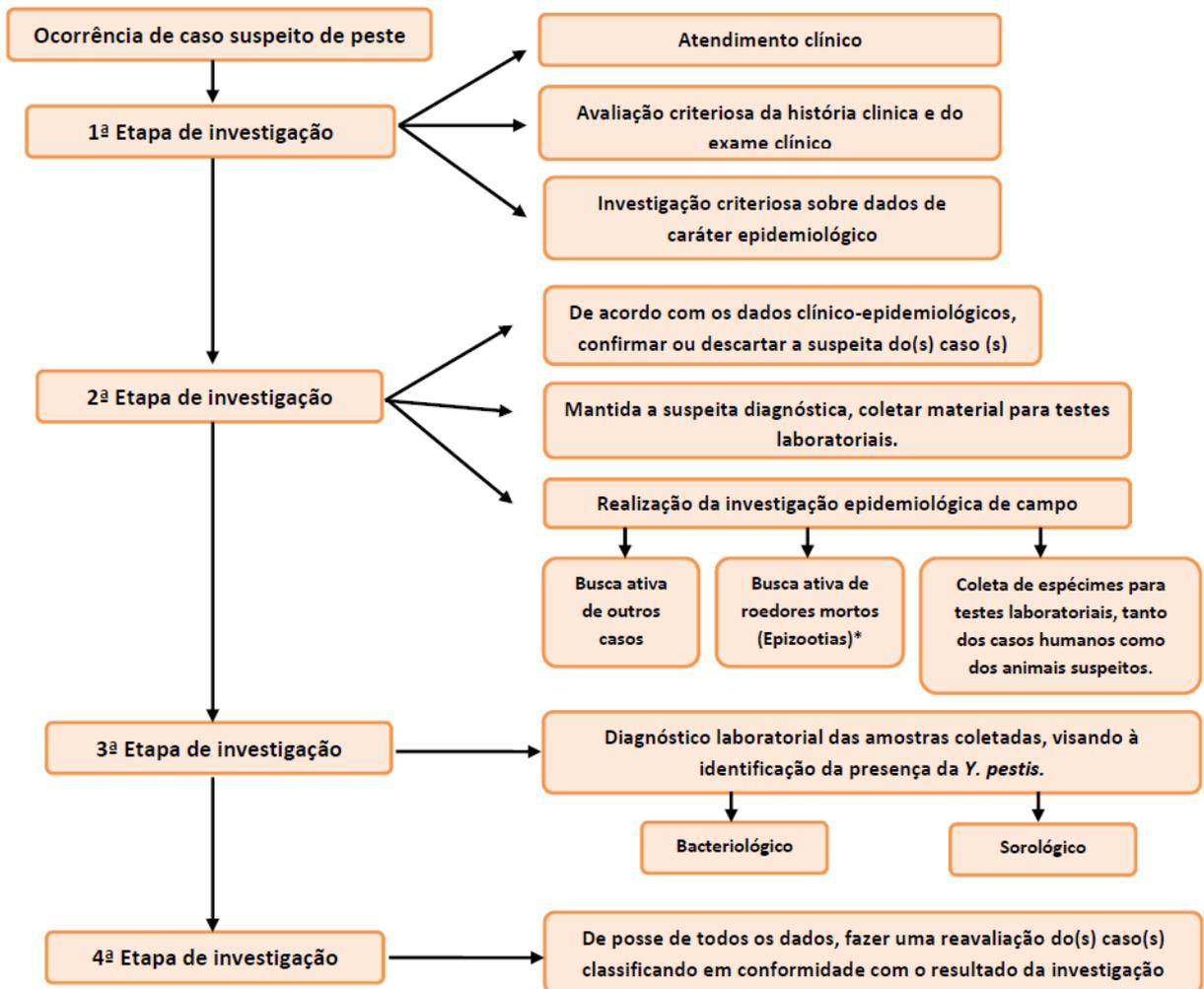


Figura 3. Principais roedores dos focos de peste do Nordeste do Brasil

Família	Subfamília	Gêneros, espécies
Muridae	Murinae (sinantrópicos comensais)	<i>Rattus rattus</i> , <i>Rattus norvegicus</i> , <i>Mus musculus</i>
	Sigmodontinae (sinantrópicos silvestres)	<i>Akodon</i> , <i>Necromys lasiurus</i> (<i>Bolomys lasiurus</i>), <i>Calomys</i> , <i>Holochilus</i> , <i>Nectomys</i> , <i>Oligoryzomys</i> , <i>Oryzomys</i> , <i>Oxymycterus</i> , <i>Rhipidomys</i> , <i>Wiedomys</i>
Caviidae		<i>Cavia</i> , <i>Galea</i> , <i>Kerodon</i>
Echimydae		<i>Trichomys</i> , <i>Proechimys</i>

Fonte: Manual de Vigilância e Controle da Peste (2008).

Figura 4. Roteiro da investigação epidemiológica da peste



Fonte: Manual de Vigilância em Saúde (2016).

Elaboração/ Revisão:

Francisco Bérqson Pinheiro Moura
Ana Rita Paulo Cardoso
Daniele Rocha Queiroz Lemos

Sarah Mendes D'Angelo
Vivian Gomes